

ESTAÇÃO CARANDIRU

Escrito pelo médico cancerologista, Drauzio Varella, *Estação Carandiru*

constitui-se numa valiosa fonte de informações e reflexões sobre o maior presídio do Brasil e também sobre a complexidade do chamado mundo do crime na nossa sociedade. Varella demonstra, neste seu livro, extrema sensibilidade e aguçada percepção (infelizmente, não encontradas com frequência entre os médicos). Nesse sentido, o trabalho se traduz, também, como um conjunto de preciosas lições, ensinadas por alguém que demonstra o domínio de um conhecimento especializado e, ao mesmo tempo, a consciência de perceber o indivíduo como uma totalidade.

O livro é fruto da atuação profissional do autor, como voluntário, naquela instituição, a partir de um primeiro contato para gravar um vídeo sobre AIDS.

O trabalho começou em 1989 e dura até hoje. Com o apoio da Universidade Paulista/UNIP, uma instituição particular de São Paulo, fizemos pesquisas epidemiológicas sobre a prevalência do HIV, organizamos palestras, gravamos vídeos, editamos a revista em quadrinhos O Vira Lata, um Carlos Éfiro dos anos 90 escrito por Paulo Garfunkel e desenhado por Libero Malavoglia e atendi a doentes. Com os anos, ganhei confiança e pude andar com liberdade pela cadeia. Ouvi histórias, fiz amizades verdadeiras, aprendi medicina e muitas coisas. Na convivência, penetrei alguns mistérios da vida no cárcere, inacessíveis se eu não fosse médico (1999, p. 10).

DE DRAUZIO VARELLA

Estação Carandiru. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 297p.

POR SULAMITA VIEIRA

Professora do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia da UFC.

Os primeiros capítulos nos conduzem pelas instalações físicas do presídio: inicialmente um passeio geral pelo *Casa-rão*, seguido de uma incursão por cada um dos nove pavilhões e, por fim, chegamos à

unidade funcional da cadeia, que é a cela. Com Varella, podemos caminhar lentamente por todo o prédio, conhecendo-o nas suas grandes dimensões, nos seus “mistérios” e, aqui e ali, nas suas relações com a sociedade, com o “mundo lá de fora”.

Cuidadoso e inteligente na descrição, o autor vai nos apresentando os diversos espaços e, ao mesmo tempo, narrando trechos biográficos, fatos ou acontecimentos acerca dos quais foi informado pelos detentos, ou, por ele mesmo vivenciados. Essas descrições e narrativas são valiosas para a compreensão da dinâmica das relações sociais entre as pessoas que vivem e/ou trabalham na cadeia, bem como das relações daquela instituição com outras instâncias da sociedade.

Numa linguagem clara e, ao mesmo tempo elegante, Varella vai apontando detalhes, aparentemente insignificantes, porém, cada um com a sua relevância para o funcionamento do presídio no seu dia a dia e, mais do que isso, aspectos de grande importância na configuração de um verdadeiro sistema de códigos, símbolos e valores culturais que preside a dinâmica da instituição. Nesses termos, por exemplo, na descrição da cela, Varella focaliza o espaço físico, especifica as responsabilidades dos presos quanto à higiene e organização, e aborda também as relações e possíveis hierarquizações estabelecidas entre os “moradores”.

Nos outros capítulos, tomando como referência aspectos da história de vida de determina-

dos “personagens”, dentre os presidiários, Varella vai nos informando melhor sobre algumas estratégias básicas de sobrevivência no “mundo da cadeia”, sobre certos princípios fundamentais para o convívio dos que vivem ali, enfim, nos fornece elementos para uma melhor compreensão daquele mundo com tantas especificidades e da sua relação com “outros mundos”.

Assim, o autor nos leva não só a conhecer o lugar, mas nos põe em contato com um intrincado universo de significados, historicamente construído, de algum modo relacionado a cada recanto, a cada artefato, a cada gesto ou atitude e misturando diferentes vivências.

O texto escrito é enriquecido por um conjunto de aproximadamente cem fotos, através das quais podemos visualizar desde as dimensões do enorme prédio, passando pela decoração das paredes de algumas celas; precariedade de instalações sanitárias e instalações elétricas; montagem de “cozinhas”; disposição de camas ou colchões no chão; altar de orações, enfim, a cadeia (ou recantos dela) como um “lugar de

morada”; gestos de solidariedade ou amizade; espaços de lazer etc, além de ângulos fotográficos mais pontuais, focalizando expressivas tatuagens nos corpos de alguns detentos.

Nas palavras do autor, *a Casa de Detenção de São Paulo tem mais gente do que muita cidade*. Mesmo considerando-se que cerca de 3 mil detentos são libertados ou transferidos anualmente, ainda assim, tem-se uma população carcerária de mais de 7 mil homens. Muitos deles, poderão passar a maior parte das suas vidas ali. Dentro de uma dinâmica que envolve relações de fidelidade, trapaça, mando-submissão, cumplicidade, revolta, solidariedade etc – onde, como diz Varella, o convívio é *mestre persistente* – vão sendo construídas leis próprias e sistemas de punição/compensação correspondentes, rigidamente cumpridos.

Na minha compreensão, *Estação Carandiru* se constitui numa ótima leitura, indispensável, para estudantes de ciências sociais, particularmente para aqueles que se interessam pela complexa temática da violência.